



HERDEIROS DO PORVIR

Ano XVIII – Nº 30
Agosto / Setembro 2012
Distribuição gratuita

DOM PEDRO II

a floresta da Tijuca
e as deturpações
do ambientalismo
moderno



DOM PEDRO II E A CONSERVAÇÃO AMBIENTAL

Na primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro havia sido castigado por secas, e com a devastação das matas houve um comprometimento das nascentes dos rios.

Preocupado com a falta d'água que afetava a cidade do Rio, Dom Pedro II criou, em 1861, a Floresta da Tijuca. Um trabalho planejado havia sido iniciado com a desapropriação prévia, desde 1854, de terrenos, sítios e propriedades onde estavam as nascentes, visando o reflorestamento com espécies nativas.

A pessoa responsável pelo reflorestamento, apontada pelo Imperador, foi o Major Gomes Archer, primeiro administrador da floresta, plantando em 13 anos 100.000 mudas. O segundo administrador foi o Barão Gastão d'Escragolle que efetuou o replantio de mais 30.000 mudas entre 1874 e 1888.

Essa floresta compõe hoje o Parque Nacional da Tijuca, a maior floresta urbana do mundo, com 1.550 espécies vegetais, rica fauna, 120 sítios arqueológicos, históricos e arquitetônicos, grutas, cachoeiras, vales e montanhas. Ali está, no Morro do Corcovado, o atrativo turístico mais visitado do país, a estátua do Cristo Redentor, instalada por desejo manifestado, em 1888, pela Princesa Isabel.

Como verdadeiro patrono da sábia ecologia no Brasil, nem por isso Dom Pedro II deixou de se preocupar com os demais aspectos de um povo civilizado, dando ênfase à educação e à ciência. Trouxe, durante décadas de seu reinado, os desenvolvimentos mais significativos da civilização de então, eletricidade, telefone, ferrovias, indústria naval, escolas, etc., dando ao Brasil um *status* de primeiro mundo.

Essa postura de nosso sábio monarca se opõe, assim, frontalmente aos dogmas desposados pelos movimentos ecológicos modernos que insuflaram recentes conferências como a Eco92 e a Rio+20, em que se propugnou o fim do capitalismo e até mesmo a volta ao tribalismo. Além disso, Dom Pedro II, com suas atitudes e decisões civilizadoras, demonstrou não haver contradição entre conservação ambiental e desenvolvimento.

Expediente Herdeiros do Porvir

Publicação da Pró-Monarquia,
entidade civil sem fins lucrativos.

Rua Itápolis, 873 – CEP 01245-000 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3822-4764

www.monarquia.org.br

Diretor Responsável: Gustavo Cintra do Prado

Jornalista Responsável: Yone P. Caldeira (MTB 17354)

Redator Chefe: Geraldo Hélsion Winter

Diagramação: Luis Guillermo Arroyave

Impressão: Grafilar – Gráfica e Editora do Lar Anália Franco

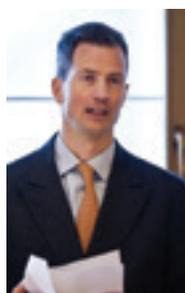
Plebiscito no Principado de Liechtenstein defende a vida e confirma a monarquia

GERALDO HÉLSON WINTER



Um fato de grande importância ocorreu na Europa, mas a mídia mundial o ignorou quase por completo.

O Principado de Liechtenstein, localizado no centro do Velho Continente nos Alpes entre a Áustria e a Suíça, realizou recentemente um plebiscito. Por tradição, os Príncipes soberanos têm poder de veto, inclusive em matérias aprovadas pelo parlamento. O atual soberano de Liechtenstein é o Príncipe Hans-Adam II e o Principado é regido por seu filho mais velho, Alois Philipp Maria de Liechtenstein (foto), desde 15 de agosto de 2004. Mais de 90% dos habitantes são católicos e o aborto é ilegal. E o Príncipe Alois declarou que vetaria qualquer resolução que favorecesse a aprovação do aborto.



Indignados, ativistas republicanos pediram um plebiscito para cassar esse poder. A questão do veto transformou-se em outra: abolir ou não a monarquia? A pressão republicana foi intensa junto à população. Além disso,

uma pesada propaganda “democrática” insistiu em que o atual soberano detinha um poder exagerado para um Estado moderno do século XXI.

Mas qual foi o resultado? A população menosprezou essa propaganda e manteve a prerrogativa régia. Mais de 76% confirmaram o poder de veto do Príncipe, inclusive em matérias aprovadas em eleição. Portanto o aborto foi rejeitado e a monarquia preservada.

O Principado de Liechtenstein — monarquia parlamentar constitucional — possui cerca de 35 mil habitantes numa área de 160 km². Um dos países com a renda “*per capita*” mais alta do mundo, sua língua oficial é o alemão. Desde o século XV é governado pela mesma família, a Casa de Liechtenstein, tendo pertencido ao Sacro Império Romano Germânico até 1806, quando foi desmembrado. Possui arquitetura marcadamente medieval, em perfeito estado de conservação.

Em 23 de janeiro de 1719, Carlos VI, Imperador do Sacro Império Romano Germânico, decretou a unificação de Schellenberg e Vaduz e elevou toda a área à dignidade de Principado, com o nome de “Liechtenstein”, em honra do nome da família soberana. Com a dissolução do Sacro Império Romano Germânico, em 1806, o Principado de Liechtenstein, em 12 de julho do mesmo ano, tornou-se independente.

Para o atual Príncipe Herdeiro, o resultado confirmou que a aliança entre o povo e a Casa Princesca, que já dura 300 anos, se mostra bem sucedida até hoje. É a maioria dos súditos acha que a Família Princesca é a grande instituição que mantém a independência cultural e a identidade nacional do Principado.

Renate Wohlwend, do Partido dos Cidadãos Progressistas, resumiu a vontade da maioria: “O Príncipe [Hans Adam de Liechtenstein] representa o país, ele é a garantia de nossa soberania e de nossa estabilidade. Um país pequeno precisa ter uma bandeira, e a bandeira de Liechtenstein é a casa principesca”.

O que se passou em Liechtenstein deveria servir de lição para todas as nações. Este pequeno Principado provou que a opinião pública é conservadora, e que as leis contrárias à moral, como aborto, eutanásia, casamento homossexual, etc. foram aprovadas em vários países devido a parlamentos que de maneira alguma exprimiam a vontade da maioria. São casas legislativas que se dizem democráticas, mas na prática jamais permitem que temas de tal relevância sejam colocados à apreciação direta da população.

Com relação ao silêncio da mídia, será que ocorreria se fosse proclamada a república e o aborto aprovado no Principado?



Príncipes e parte dos convidados durante o jantar



Dom Luiz e o Chanceler Barranton

74º aniversário do Chefe da Casa Imperial do Brasil



Dom Luiz
agradece as
homenagens

S.A.I.R. o Príncipe Dom Luiz de Orleans e Bragança foi objeto de singela homenagem no próprio dia de seu aniversário, 6 de junho, na sede da Pró Monarquia, em São Paulo, onde lhe foi oferecido um jantar por seus mais próximos colaboradores, contando com a presença do Príncipe Imperial, seu irmão Dom Bertrand e, entre outros, de dois diletos amigos, Dr. Eduardo de Barros Brotero e o Chanceler do Consulado de Mônaco Bernard Barranton.

A Santa Missa em Ação de Graças pelo 74º aniversário de Dom Luiz foi celebrada no dia 1º de julho na Igreja da Imperial Irmandade de Nossa Senhora da Glória do Outeiro, no Rio de Janeiro. Patrocinaram o evento a Pró Monarquia e a Associação dos Amigos da Família Imperial.

Ato contínuo seguiu-se almoço em homenagem ao natalício de Sua Alteza no Hotel Windsor Flórida, no Flamengo.

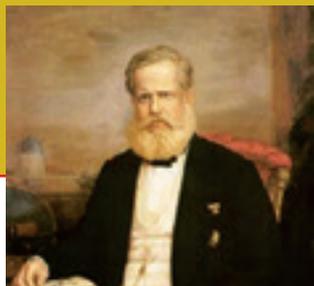


Missa solene em Ação de
Graças no Outeiro da Glória



Após a Missa, membros da Família
Imperial recebem cumprimentos

Dom Pedro II, a floresta da Tijuca e as deturpações do ambientalismo moderno



JOSÉ GUILHERME BECCARI

Deus colocou o homem como o rei da natureza, ordenando que enchesse a Terra e a dominasse, fazendo uso de seus recursos naturais. Os medievais diziam que, se o homem é filho de Deus, suas obras são “*netas de Deus*”. E com relação à agricultura, é o “*jardineiro de Deus*”.

Não há quem não admire a Europa, onde as instituições e as obras do homem, sob o bafejo da civilização cristã, atingiram um ápice e, concomitantemente, a natureza está preservada. Na França e na Inglaterra, pântanos inóspitos e infestados de malária, drenados e trabalhados por monges, se transformaram em jardins e florestas “*penteadas*”, em que o manejo garante a preservação e a produtividade. Construíram-se cisternas e sistemas de irrigação propiciando o desenvolvimento agrícola e a pecuária. Os animais selvagens são ainda hoje caçados de maneira controlada, impedindo que se transformem em predadores de outras espécies e preservando sua existência. As cidades foram erigidas em torno de castelos e abadias, com edificações, públicas e particulares, de



Natureza e civilização em equilíbrio

beleza inquestionável. Desenvolveram-se instituições que formam a coluna vertebral da sociedade atual, como as universidades, os hospitais, as associações de classe, etc. Em suma, o equilibrado desenvolvimento proporcionou ao homem uma qualidade de vida inigualável. É o verdadeiro progresso, que não se opõe à conservação do ambiente.

A monarquia no Brasil propiciou e incentivou a instalação e a manutenção da maioria das grandes instituições nacionais e zelou para que o progresso autêntico deitasse suas raízes em nossa pátria. Não vamos tratar dos melhoramentos trazidos por Dom João VI com a vinda da Família

Real, ou dos benefícios trazidos por nosso primeiro Imperador, Dom Pedro I, mas passamos diretamente ao objeto deste artigo, a Floresta da Tijuca.

Preocupado com a falta d’água que afetava a cidade do Rio de Janeiro e visando garantir condições aprazíveis de vida na capital do Império, Dom Pedro II criou, em 1861, a Floresta da Tijuca, iniciando um ambicioso programa de recuperação da vegetação. Foi o primeiro exemplo no Brasil de reconstituição de cobertura vegetal com espécies nativas.

Na primeira metade dos anos 1800, o Rio de Janeiro foi castigado por secas e com a devastação das matas houve um comprometimento das nascentes dos rios. Um trabalho planejado, com a desapropriação prévia, desde 1854, de terrenos, sítios e propriedades onde estavam as nascentes foi iniciado visando o reflorestamento com espécies nativas. Logo no primeiro ano foram plantadas 13.500 mudas, dando origem a uma magnífica floresta que hoje emoldura e protege a cidade do Rio de Janeiro.

A pessoa responsável pelo reflorestamento, apontada pelo Imperador, foi o Major Gomes Archer, o primeiro administrador da floresta, que trabalhou inicialmente com seis escravos e, posteriormente, com 22 trabalhadores, plantando em 13 anos 100 mil mudas. O replantio foi feito com espécies, em sua maioria, nativas do ecossistema da Mata Atlântica.

O segundo administrador, Barão Gastão d’Escragnoles, continuou o replantio de



Major Gomes Archer, o primeiro administrador da floresta

1874 a 1888. Além de introduzir mais 30 mil mudas, realizou um trabalho de transformação da floresta em um parque para uso público, inserindo espécies exóticas, criando pontes, fontes, lagos e locais de lazer com auxílio do paisagista francês Auguste Glaziou.

Essa floresta compõe o Parque Nacional da Tijuca, a maior floresta urbana do mundo, com 1550 espécies vegetais, rica fauna, 120 sítios arqueológicos, históricos e arquitetônicos, grutas, cachoeiras, vales e montanhas. Ali está hoje, no Morro do Corcovado (710 m), o atrativo ponto turístico mais visitado do país, a estátua do Cristo Redentor.

Como verdadeiro patrono da sadia ecologia no Brasil, nem por isso Dom Pedro II deixou de se preocupar com os demais aspectos de um povo civilizado, dando ênfase à educação e à ciência. Todos conhecem seu incentivo às invenções científicas que ele fazia questão de trazer e implantar no Brasil de maneira pioneira. Trouxe ao Brasil, durante décadas de seu reinado, os desenvolvimentos mais significativos da civilização de então, dando ao país um *status* de primeiro mundo: eletricidade, telefone, ferrovias, indústria naval, escolas, etc.. Homem cultíssimo, como pai zeloso de nossa nação, dizia o velho monarca que, se não fosse Imperador, seria mestre de escola, tal a importância que dava ao ensino. O fato é que, com suas atitudes, demonstrou não haver contradição entre desenvolvimento e conservação.

A postura de nosso sábio monarca se opõe, assim, frontalmente aos dogmas desposados pelos movimentos ecológicos atuais que insuflaram recentes conferências como a Eco92 e a Rio+20, em que se propugnou o fim do capitalismo e até a volta ao tribalismo.

Sim, contrariamente ao que seria um sadio “desenvolvimento sustentável”, expressão talismã que passou a conter significados



Auguste Glaziou paisagista francês que ajudou a transformar a floresta da Tijuca em um parque para uso público

muito além da preservação da natureza e do meio-ambiente, passou-se a exagerar os “malefícios” da vida civilizada em sociedade e até do progresso. Morar em edificações artisticamente decoradas, vestir-se bem ou frequentar sofisticados restaurantes seriam “crimes” graves de lesão ao meio-ambiente. Chega-se a defender a volta do homem à mata, em situações pré-civilizadas, tal como nas tribos indígenas. Estariam, assim, dispensadas, por inúteis, as instituições da civilização européia (aí incluídas escolas, universidades e hospitais) e os costumes e direitos (família, propriedade, hierarquia social e até religião), que se opõem à espon-



Ambientalistas defendem a volta do homem à mata tal como nas tribos indígenas

taneidade e simplicidade tribais. As pedras, com as quais se constroem edificações, e os minerais utilizados na forja dos metais ou na produção de energia permaneceriam inexplorados nas profundidades da terra, a deusa-mãe “Gaia”.

Em suma, a civilização ocidental, tal como a conhecemos, teria sido uma farsa, artificial e contrária à natureza. O homem não deveria fazer obras duráveis. Sua vida se limitaria à satisfação de suas necessidades básicas diretamente junto à natureza. Seguiria seus instintos sem repressão...

Em suas versões moderadas, prega-se o vegetarianismo, pois os animais seriam os responsáveis por parte da poluição. As plantações deveriam dar lugar a matas virgens, ainda que infestadas de pragas e predadores. A educação das crianças não teria parâmetros ou lições repressoras dos instintos. E, nas versões mais extremadas, prega-se a morte da maior parte da população mundial, vez que a terra somente comportaria, de maneira “sustentável”, a vida de 100 a 350 milhões de pessoas! A religião seria uma criação do homem para manter estruturas sociais garantidoras da opressão das elites... Enfim, extrapola-se totalmente a “inocente” proteção do meio-ambiente para promover a revolução social.

Esse falso ambientalismo defende a entrega de áreas crescentes do território nacional a tribos indígenas e a quilombolas, em detrimento da própria soberania do país sobre essas áreas que passariam a compor nações indígenas. Não é de se estranhar que pessoas como os freis Beto e Boff, autênticos representantes da “Teologia da Libertação”, e que entidades como o CIMI (Conselho Indigenista Missionário), o MST e a Via Campesina tenham se manifestado em favor dos movimentos ambientalistas e tido participação destacada na Rio+20.

Com certeza Dom Pedro II se oporia ao ambientalismo tribalista tal como é hoje propalado, até porque soube muito bem defender os interesses do Brasil e sua soberania, hoje ameaçado por ONGs nacionais e, sobretudo, internacionais, para lá de suspeitas.

XXII ENCONTRO MONÁRQUICO NACIONAL – RIO DE JANEIRO

OSVALDO ROCCO

Realizou-se em 30 de junho último, no Rio de Janeiro, o XXII Encontro Monárquico. Representantes do Distrito Federal, Bahia, Espírito Santo, Goiás, Mato Grosso, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins lotaram o salão de convenções do Windsor Florida Hotel, no centro desta cidade. A seguir, um resumo das conferências ali feitas (íntegras no YouTube).

Abertura. O início dos trabalhos ficou a cargo do príncipe Dom Antônio de Orleans e Bragança. Após saudar os presentes,



Dom Antonio discorreu sobre o significado distorcido que regimes tirânicos dão à palavra “democracia”, a começar pela Revolução Francesa, imposta de forma sanguinária, com milhares de mortos e destruição de igrejas. Igualmente a Revolução Russa que, em nome da “democracia proletária”, vitimou milhões de pessoas para acabar com o que chamavam de “burguesia”. Graças a esta “democracia” houve a ascensão do nazismo, do fascismo, e atualmente caminhamos para uma nova tirania:

a “ambientalista”. Na esfera latino-americana, salientou que os autodenominados “democráticos” da Argentina, Brasil e Uruguai impuseram a suspensão do Paraguai no MERCOSUL e aprovaram a entrada da Venezuela, cujo governo é, segundo eles, sabidamente “guiado, idealizado e iluminado por Fidel Castro”, acrescentando que querem colocar até a China como membro-parceiro do MERCOSUL. “Os chineses não vêm aqui para cooperar, mas para colonizar, como fazem na África e no resto do mundo. Temos a obrigação de agir contra esta ingerência, porque é em defesa de nosso País”, afirmou. Realçou ainda que esta é também a posição da Família Imperial brasileira.

Gênese da Monarquia. Em seguida falou o Prof. Ricardo Luiz Silveira da Costa, de Vitória, sobre a “Gênese da monarquia no



Occidente cristão”, abordando o nascimento da monarquia no período medieval e analisando três casos paradigmáticos que ajudaram a plasmar o ideal monárquico: as conversões ao cristianismo de Constantino (272-337), do rei Clóvis (446-511) e a submissão de Teodósio (347-395) à Igreja Católica. O Prof. Silveira da Costa mostrou como a filosofia e a teologia, uma na esfera temporal, outra na espiritual, estão de acordo quanto a superioridade da monarquia em relação a outros regimes. Primeiramente citou

Aristóteles: “A monarquia é um dos grandes governos [...]. Pois assim como o poder doméstico é de algum modo a monarquia de uma casa ou família, a monarquia é uma espécie de regime paternal e familiar de uma cidade, de uma nação ou de várias”. E



Público acompanha atento uma das conferências

São Tomás de Aquino: “Pertencendo, porém, a um só o governo justo, chama-se ele, propriamente, rei; donde o dizer, por Ezequiel (XXXVIII, 24), o Senhor: o meu servo David será rei sobre todos e ele ser-lhes-á, de todos, pastor. Daí manifestadamente se mostra fazer parte do conceito de rei ser o que preside único e pastor que busca o bem comum e não o interesse próprio”.

Pesquisas arqueológicas. A conferência seguinte ficou a cargo da Profa. Valdirene do Carmo Ambiel, pesquisadora da



USP, que discorreu sobre os “190 anos da Independência: as pesquisas arqueológicas sobre nossos primeiros Imperadores na cripta do Ipiranga em São Paulo”. Nascida próxima ao Monumento do Ipiranga, confidenciou que desde sua infância sabia da falta de manutenção do mausoléu, e que infiltrações poderiam afetar os restos mortais de Dom Pedro I, de Dona Leopoldina e de Dona Amélia, ali depositados. “Houve época em que a infiltração de água chegou a quase um metro na cripta”, disse,

acrescentando que inundações como as do passado estão descartadas, visto que a Prefeitura de São Paulo tomou providências, mas sondagens feitas por geo-radar mostram tubulações de luz e água comprometidas. “Estou propondo união entre Prefeitura e iniciativa privada no sentido de se fazer uma ampla reforma no Monumento”, concluiu a professora.

Pirâmide do bem. Os trabalhos da tarde foram abertos pelo príncipe Dom Rafael de Orleans e Bragança. “A monarquia é



um regime familiar onde o rei, o imperador, é o pai; ele cuida de seu povo, seus filhos”, disse Sua Alteza, acrescentando que “o chefe de Estado deve estar a serviço de seu povo, assim como o pai a serviço de seus filhos”. Segundo o príncipe, o que vemos hoje são “panelinhas” políticas onde, salvo poucas exceções, só entram os comprometidos com a corrupção. Lembrou que recentemente esteve em Juiz de

Fora onde encontrou um grupo de jovens monarquistas que o encheram de esperança, pois buscavam exatamente esse “*Brasil Família*”. “*São esses grupos que se vêm criando Brasil afora que, juntando-se aos que já existem, com pessoas sérias, com sede de valores morais e cristãos, irão garantir o sucesso de nossas empreitadas*”, completou. A seguir aludiu ao filme “*A Corrente do Bem*”, no qual um menino cria a “*pirâmide do bem*” consistente em cada um fazer o bem a três pessoas, e cada uma dessas três a mais três, e assim por diante. “*Em pouco tempo atinge-se um número imenso de pessoas, todas fazendo o bem umas às outras*”, disse. E completou: “*Se cada um de nós ‘convertermos’ três pessoas para a causa monárquica, e estas três chamarem mais três, propagaremos rapidamente nossa corrente monarquista*”.

Elizabeth II. Com o título “*O Jubileu da Rainha: fascínio dos símbolos, da pompa e da riqueza em pleno século XXI*”, o Dr. José Carlos Sepúlveda da Fonseca, de São Paulo, falou sobre o interesse mundial pelas recentes cerimônias reais britânicas. Para ilustrar, o Dr. Sepúlveda projetou filme com algumas cenas. “*Notem como Elizabeth II é aclamada. Não é uma popularidade demagógica, mas a aclamação de um povo que se identifica com sua rainha*”, disse. Segundo ele, houve 10 mil festas pelo país. “*Obviamente a soberana não pôde comparecer a todas, mas os súditos comemoraram como se ela fosse membro da família*”.



Lembrou também que Elizabeth II convidou oito mil pessoas, de todas as classes sociais, para tomar chá com ela nos jardins de Buckingham. O desfile de mais de mil barcos pelo Rio Tâmisa foi marcante: “*Chovia, fazia frio, mas havia ao longo do rio mais de um milhão de pessoas para assistir ao desfile real*”. E chamou a atenção para o fato de passarem embarcações de todos os tamanhos, de caiaques a navios: “*Monarquia é um englobar de toda a sociedade, é o englobar dos grandes e dos pequenos, de todas as condições*”. No final mostrou como a imprensa mundial, na imensa maioria republicada, curvou-se diante do prestígio e da modernidade da monarquia inglesa. Citou em especial o jornal francês “*Le Figaro*”, que no dia do jubileu estampou a primeira página somente com a frase manuscrita: “*O que falta à França?*”. Na seguinte, aparecia foto da Rainha no balcão de Buckingham...

Mitos do ambientalismo. “*O Cavalo de Tróia do Ambientalismo*” foi o tema da exposição do jornalista Nelson Ramos Barretto, de Brasília, que utilizou esta metáfora para mostrar que está em curso no mundo um sinistro plano visando enganar a humanidade. “*Usam o terror para mudar a mentalidade das pessoas*”, disse. Citou como sadio ecologismo a recuperação, feita Dom Pedro II, da floresta da Tijuca, e a despoluição do Rio Tâmisa, em Londres. “*Com o fracasso do comunismo, tiveram que levantar uma nova bandeira. Para isso precisavam de um arcabouço científico. Inventaram então vários mitos*”, disse. Baseando-se nos estudos do Dr. Luiz Carlos Molion, cientista alagoano com doutorados no Exterior, desfez vários deles. Por exemplo, o de que está havendo um aquecimento global. Através de gráficos, mostrou que o clima obedece a ciclos, e que no momento estamos até vivendo um período de esfriamento. Outro mito é o de que está havendo derretimento dos pólos. A mídia é pródiga em mostrar geleiras despencando. “*Não é porque o ar está mais quente, mas devido*



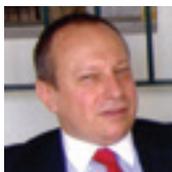
a correntes marítimas quentes que vão tirando a sustentação do gelo”, disse. Lembrou que Al Gore, profeta catastrofista, afirmou que o nível do mar subiria seis metros nos próximos anos, mas isso não o impediu de comprar em 2008 uma mansão à beira-mar, na Califórnia, de vários milhões de dólares... Outra mentira: o gás carbônico favorece o efeito estufa. “*O Prof. Molion mostra que este é o gás da vida. Se eliminarmos o CO₂, da atmosfera a vida cessa. A ação humana é mínima em comparação com os eventos da natureza. Duas erupções vulcânicas no século XX lançaram na atmosfera mais dióxido de enxofre do que toda revolução industrial do século XIX até hoje*”, disse. Depois de citar insuspeitas publicações ecologistas no sentido de que o ambientalismo seria uma nova religião, concluiu: “*Se o ambientalismo fosse uma causa boa, por que recorrer a tantas mentiras?*”

Encerramento. As palavras finais do Encontro foram proferidas pelo príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança. “*Os temas que mais marcaram 2012 em nível mundial foram o Jubileu da Rainha e a Rio+20. Um terceiro, para nós brasileiros, foi o início do processo de beatificação da Princesa Isabel*”, disse. Com relação aos dois primeiros, afirmou que está havendo um choque de duas civilizações: uma atéia-materialista e outra cristã. Na Rio+20 vê-se claramente a intenção de se transformar a natureza num novo deus. “*Os ecologistas apresentam o homem como sendo o grande malfeitor da natureza, baseados em mitos e mentiras completamente estapafúrdios*”, completou. Citou como exemplo a simplista informação de que só restam preservadas 6% da Mata Atlântica. Segundo o príncipe, esta região abrange desde Minas até Santa Catarina, incluindo São Paulo e Paraná inteiros. “*Queriam que estes Estados fossem uma floresta virgem até hoje?*”, perguntou, lembrando que grande parte de nossos alimentos vem destes Estados. E continuou: “*Mapas de satélites mostram que o Brasil tem intactos 69% da vegetação que Pedro Álvares Cabral aqui encontrou, 28% das florestas mundiais, é o país que menos polui, mas nos apresentam como grandes vilões da poluição mundial*”. Em contraposição a esse naturalismo ateu, Dom Bertrand mostrou que o esplendor do Jubileu da Rainha da Inglaterra despertou reminiscências de uma civilização que colocava Deus no centro de tudo. “*Pensar abstraído Deus é tão absurdo quanto querer ver abstraído da luz. Como entender a realidade se abstrairmos do Criador?*”, perguntou. Discorreu ainda sobre outros temas da atualidade, e terminou com as seguintes palavras: “*Roguem a Nossa Senhora Aparecida, que presidiu nossas reuniões, pedindo a Ela que ajude o Brasil a realizar sua extraordinária vocação. [...] Com estas palavras, em nome de meu irmão Dom Luiz, encerro este simpósio*”.



Dom Bertrand encerra o evento





JOSÉ GUILHERME BECCARI



Peixes podres no Ministério da Pesca – Criado para acomodar políticos da base de sustentação do governo Lula, o Ministério da Pesca vem-se transformando em verdadeira máquina de multiplicação de verbas públicas, em proveito de bolsos particulares ou do caixa de partidos. Segundo dados da imprensa, na gestão Ideli Salvatti R\$ 770 mil foram destinados a uma ONG de Brasília para a produção de peixes. Acontece que, nesse local, onde deveriam estar os tanques para a piscicultura, somente existe uma plantação de mandioca... Salviano Antonio Guimarães Borges, funcionário comissionado do governo Agnelo Queiroz (PT/DF) é o responsável pelo fracassado projeto. Por sua vez, coube a Altemir Gregolin, ex-ministro dessa mesma pasta, uma “proeza” análoga. Embora afirme ter comprado 28 lanchas por R\$ 31 milhões, recente auditoria do TCU comprovou que 23 dessas embarcações estão fora de operação e algumas nem sequer foram entregues. O dono da empresa que vendeu as lanchas, José Antonio Galizio Neto, confessou haver doado, a pedido de Karin Bacha, diretor do ministério, R\$ 150 mil para a campanha de Ideli Salvatti ao governo de Santa Catarina. Derrotada, Ideli assumiu o mesmo Ministério. E o ministro recém-empossado na pasta (o terceiro, na gestão Dilma), Marcelo Crivela, declarou, sem meias palavras, ao assumir o cargo: “*Vou dizer uma coisa com muita humildade: não sei colocar uma minhoca no anzol*”. Moral da história: Dilma apenas comprou o apoio do partido de Crivela. Contudo, *vendeu caro o peixe*, entregando-o, além disso, em mãos de quem nada conhece de cozinha. Assim funciona a República...

Canetada no vernáculo – Presidente ou presidenta? O tema é polêmico e poderia suscitar discussões intermináveis, visto que o termo “presidenta”, apesar de estranho e desusado, é admitido de longa data por alguns filólogos. Mas fora de qualquer propósito é como o governo Dilma resolveu a questão, literalmente na base do decreto: “*Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º. As instituições de ensino públicas e privadas expedirão diplomas e certificados com a flexão de gênero correspondente ao sexo da pessoa diplomada, ao*

designar a profissão e o grau obtido. Art. 2º. As pessoas já diplomadas poderão requerer das instituições referidas no art. 1º. a reemissão gratuita dos diplomas, com a devida correção, segundo regulamento do respectivo sistema de ensino” (Lei 12.605, de 3-4-2012). Ao invés do assunto ficar estrito a discussões acadêmicas, acabou virando piada. Assim, a pessoa do sexo masculino poderá exigir ser tratada de motorista, feirante, arquivista, criminalista, ortopedista, médico-legista, jornalista, articulista, colunista, cronista, dentista, nutricionista, congressista. A do sexo feminino poderia ser gerenta, estatística, música, sargenta, pilota, estudante. E que linda a colega de profissão do ex-presidente Lula: torneira-mecânica...

Buracobrás – Num país de dimensões continentais como o nosso, fartamente servido por rios e pelo Oceano Atlântico, os principais meios de transporte deveriam ser, pela eficiência, economia e segurança, o marítimo, o fluvial, o ferroviário e por fim o rodoviário. Inverteu-se a ordem e, contrariamente ao bom senso mais elementar, o regime republicano relegou a cabotagem e o transporte ferroviário a meros coadjuvantes do rodoviário, apesar dessa política acarretar incrível aumento do chamado “*Custo Brasil*”. Embora tal realidade seja tão penosa ao contribuinte brasileiro, seria de se esperar estradas maravilhosas cruzando o país em todos os sentidos. Certo? Errado! Segundo notícias da imprensa, dos 54,5 mil quilômetros de rodovias administradas pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (DNIT), 30 mil estão sem contratos de obras de manutenção e recuperação desde 2008. Mais uma vez a origem do problema são os escândalos de corrupção. O Tribunal de Contas da União (TCU) descobriu uma série de projetos impregnados de falhas e vícios que, quase sempre, favoreciam casos de superfaturamento. De acordo com o general Jorge Fraxe, atual diretor-geral do DNIT, “*a doença desta autarquia se chama projeto. O que encontrei aqui foram 30 mil quilômetros de confusão. São contratos vencidos, outros barrados pelo TCU, outros abandonados, todo tipo de problema*”. Em se tratando de estradas federais, a situação é esta. O que dizer das estaduais e municipais, sobretudo do norte e nordeste, mais próprias ao tráfego de carroças?

